

## Quando o telefone toca

*Se a China é a beneficiária líquida da guerra na Ucrânia, porque quer Xi Jinping ser ele a fazer a paz? E porquê agora essa mudança de estratégia?*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 3 de Maio de 2023**

Há mais de um ano, desde o início da invasão russa da Ucrânia, que não havia comunicação directa entre Kiev e Pequim. Mas na semana passada, a 26 de Abril, o telefone tocou. [Era o Presidente chinês para falar com o Presidente ucraniano](#). Xi Jinping disse que a China sempre tinha estado do lado da paz, que continuava empenhada na paz e que ia mandar um enviado especial para a Eurásia, para falar com as partes em conflito e encontrar uma solução pacífica para o que ele chama “a crise da Ucrânia”. Zelensky, pragmático, reagiu com maior abertura do que os seus aliados ocidentais. Disse que tinha sido um telefonema longo e significativo e que esperava que a possível cooperação pudesse estabelecer uma paz justa e sustentável para a Ucrânia.

Seja o que for que a engenharia linguística da diplomacia queira dizer, só por si, o telefonema e o enviado especial têm um profundo significado político. E significam uma mudança de estratégia da China – que até aqui manteve uma ambiguidade diplomática e um perfil internacional discreto e agora assume um perfil alto e a vontade de protagonizar a mediação internacional, isto é, de Xi Jinping ser ele próprio o fazedor da paz.

A China tem sido o maior beneficiário líquido do conflito. Primeiro, porque a guerra reforçou a “amizade sem limites” entre a Rússia e a China. O discurso de Putin contra a NATO, a hegemonia americana e a ordem internacional liberal coincide e favorece a ideia de uma ordem multipolar, pós-americana e pós-democrática que a China antevê para a sua hegemonia futura no sistema internacional. Por outro lado, com Moscovo sob embargo do Ocidente, a China substituiu a Europa no mercado russo das exportações de energia. A preços baixos, bem entendido, isto é, reforçou a amizade, mas também a dependência da Rússia em relação à China.

Em segundo lugar, porque na rivalidade crescente pela hegemonia global a guerra favorece a China em detrimento dos EUA. Empenhados no conflito na Europa, os EUA são obrigados a dividir-se entre duas frentes e, conseqüentemente, a dedicar menos atenção e empenhar menos recursos no Indo-Pacífico. Mas se a China é a beneficiária líquida da guerra, porque quer Xi Jinping ser ele a fazer a paz? E porquê agora essa mudança de estratégia?

Xi Jinping quer mostrar que a China substituiu os EUA como potência global e quer ser ele a liderar a transição

Porque pensa que chegou o momento da transição entre a ordem internacional liberal, liderada pelos EUA, e uma nova ordem multipolar e pós-democrática, liderada pela China. Porque a potência global é aquela que é capaz de gerir e resolver as crises

internacionais. Ora, depois do sucesso da mediação regional no Médio Oriente entre o Irão e a Arábia Saudita, pensa que é chegado o momento global, que a mediação do conflito da Ucrânia pode oferecer. Xi Jinping quer mostrar que a China substituiu os EUA como potência global e quer ser ele a liderar a transição. Se tiver sucesso, terá dado um primeiro passo para a hegemonia global. Para fechar o ciclo da *pax americana* e abrir o ciclo da *pax sinica*.

E, ao mediar o fim da guerra na Europa, terá certamente uma palavra a dizer na gestão da paz, isto é, na reconstrução da Ucrânia. Mas, mais do que isso, no reordenamento da ordem de segurança europeia, que na visão chinesa (e russa) seria, certamente, menos euro-atlântica e mais euro-asiática.

Se, pelo contrário, fracassar, perderá tudo isso, mais a credibilidade internacional. O sucesso da mediação internacional depende da aceitação da legitimidade do mediador pelas partes, da equidistância diplomática do mediador no processo e do consenso político que consiga alcançar. Que as partes aceitariam a mediação chinesa parece pacífico. Que a ambiguidade diplomática pró-russa da China, até agora, poderia ser ultrapassada é possível. A quadratura do círculo reside no consenso.

A Ucrânia já fez saber que não haverá paz à custa de compromissos territoriais e que o território é todo, à data da independência em 1991. A Rússia, por seu lado, não aceita qualquer retirada dos territórios ocupados, do Donbass e muito menos da Crimeia. Quem vai o mediador chinês convencer? Zelensky, a aceitar a amputação do seu território e pôr em causa o apoio dos aliados ocidentais? Ou Putin, pondo em causa a “amizade sem limites”, arriscando uma humilhação russa e, quem sabe, a longevidade do regime.

A jogada de Xi Jinping é, por isso, de alto risco. E os EUA não lhe vão facilitar a vida. A ver se o telefone toca outra vez.

<https://www.publico.pt/2023/05/03/opiniao/opiniao/telefone-toca-2048194>